



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MENE! Trocando experiências e compartilhando vivências

Maria Odete da Rosa Pereira¹

Maria Escarlata Pereira²

Juliana Soares³

Universidade Federal do Rio Grande – FURG- RS – campussls@furg.br

RESUMO

Este trabalho trata-se da experiência vivida entre um grupo de mulheres negras, estudantes, de origem do Quilombo Coxilha Negra (RS) para com o Quilombo de Barrinha (RJ). Na ocasião o grupo denominado Maria Mene que trabalha com artesanato de costura e pintura foi convidado por meio de um projeto de educação ambiental para um intercâmbio entre os dois grupos. A metodologia da troca de experiências se aproxima daquela que se utiliza das narrativas na pesquisa qualitativa, ao trabalhar com as subjetividades, desejos, símbolos e significados das experiências vividas e dos processos educativos que fazem parte do modo de produção local da comunidade. Como a intenção desse trabalho foi refletir e reconstruir significados buscando pautar elementos comuns na prática social constitutivas das mulheres e do povo negro, no contexto histórico, utilizaremos as narrativas na Roda de Conversa lembrando que o método está no processo; as próprias educadoras/pesquisadoras, neste caso, as mulheres negras, vão se constituindo ao longo do trabalho. Percebe-se que ao contar suas histórias as mulheres reelaboram suas lembranças a partir do tempo presente e, em alguns casos se reconhecem enquanto sujeitas da própria história podendo haver um fortalecimento da sua identidade.. A roda de conversa favorece a constituição da memória pessoal e coletiva, inserindo os indivíduos nas histórias e proporcionando uma compreensão mais clara da realidade melhorando sua atuação/intervenção. Acredita-se ser de suma importância criar situações onde as próprias mulheres negras possam falar e se ouvir, exercendo a escuta pedagógica. O compartilhamento das histórias deve ser uma práxis, assim como proporcionar a releitura das suas próprias vidas, por elas.

PALAVRAS CHAVE: Troca de experiências; narrativas, mulheres negras, educação popular.

¹ Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Dra em Educação Ambiental.

² Bacharel em Administração, estudante da Licenciatura em Educação do Campo - FURG.

³ Estudante da Licenciatura em Educação do Campo – FURG.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

INTRODUÇÃO

A comunidade negra brasileira carrega nas costas fortes marcas do período escravagista, marcas estas que ainda excluem negras e negros do sistema social, que é extremamente racista apesar de tentar disfarçar alegando que há uma democracia racial. Conforme afirma Nilma Gomes quando fala do racismo no Brasil.

O Brasil construiu, historicamente, um tipo de racismo insidioso, ambíguo, que se afirma via sua própria negação e que está cristalizado na estrutura da nossa sociedade. Sua característica principal é a aparente invisibilidade. Essa invisibilidade aparente é ainda mais ardilosa, pois se dá via mito da democracia racial, uma construção social produzida nas plagas brasileiras (Gomes, 2017).

A inquietação causada em função da condição do povo negro no Brasil serviu de motivação para o MENE, grupo de mulheres negras quilombolas de São Lourenço do Sul RS, desenvolver um trabalho coletivo que trata de pautas feministas negras e outras que a comunidade demandar, através da educação popular, rodas de conversa e artesanato, fomentando a compreensão dos processos históricos que contribuíram para a permanência do povo negro em situação muito semelhante ao período pós-falsa abolição bem como problematizando questões atuais, impulsionado a conscientização

através de oficinas relacionadas a pauta da negritude, mediando situações de racismo.

Movimento Negro que surgiu no período escravagista desde então vem se articulado em luta contra o racismo, busca de compensação pela dívida histórica do país e falta de inclusão social para com o povo negro. Nos últimos tempos tem dado ênfase a educação através da reivindicação por políticas públicas que propicie acesso e garanta a permanência das (os) estudantes negros nas universidades. Mas foi nas últimas duas décadas que a inclusão do povo negro nas universidades teve um impulso, como bem diz Nilma Gomes.

A partir dos anos 2000, o Movimento Negro intensificou ainda mais o processo de ressignificação e a politização da raça, levando a mudanças internas na estrutura do Estado como, por exemplo, a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), em 2003. Além disso, várias universidades públicas passaram a adotar medidas de ações afirmativas como forma de acesso, em especial, as cotas raciais (Gomes, 2017).

A inserção de estudantes quilombolas e automaticamente o grupo MENE no universo acadêmico é resultado do sistema de cotas, no entanto o grupo imediatamente ao chegar a universidade não hesitou em se utilizar deste universo acadêmico como um espaço de construção e ampliação do conhecimento. Ao se apropriar de autores que dialogam com as mesmas pautas. A compreensão da existência



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

humana negra e o entendimento do peso de ser uma estudante mulher na universidade impulsionaram para intensificar as lutas e devolver/compartilhar com a comunidade sobre as construções que podem interferir no processo de transformação da realidade de negros e negras, com o intuito de contribuir para emancipação desses sujeitos. Nos entender no mundo e tomar consciência da nossa própria realidade tem sido a chave para continuarmos na luta utilizando as atividades do grupo MENE como vetor das discussões das pautas negras. Conforme diz Freire;

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 2011).

Em meio a este universo as estudantes quilombolas foram consolidando o grupo MENE. Foi de grande relevância para nós, enquanto estudantes negras quilombolas, militantes sociais, encontrar apoio no corpo docente da universidade. Houve o caso específico de uma professora que destacou-se como uma mulher negra consciente do seu papel na sociedade, muito mais do que representatividade simbólica foi um exemplo de que, é possível estar lá ocupando o espaço

de professora numa universidade pública de nível federal. Visto que passamos toda a nossa trajetória escolar(ensino básico e médio) até chegarmos na universidade sem ter tido a oportunidade de ter professores ou professoras negros ou negras. E para além disso, reconhecer nessa mulher, uma professora posicionada ao lado daqueles que são a maioria neste país, as mulheres, as negras enfim, os pobres.

Dessa forma podemos afirmar a importância do papel desta educadora em nossa inserção acadêmica e o que isso representa para nós até os dias de hoje. Desde o suporte teórico que assumimos nas discussões, bem como o incentivo ao artesanato como ato de resistência promovendo pesquisas, debates e problematizando questões pertinentes à comunidade negra, apresentando trabalhos em eventos científicos dentro e fora da universidade e com isso articulando parcerias.

Toda essa prática, ou melhor *práxis*⁴, trouxe visibilidade ao grupo, resultando além de outras parcerias o convite do projeto de educação ambiental (PEA FOCO⁵) para este intercambio entre o grupo MENE e a comunidade do Quilombo de Barrinha (RJ).

⁴ Segundo Freire é uma ação reflexiva ou uma reflexão sobre a prática.

⁵ A realização do PEA FOCO da Equinor Brasil para o licenciamento da atividade de petróleo e gás no campo de Peregrino é uma medida de mitigação exigida pelo licenciamento Ambiental federal, conduzido pelo IBAMA.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

A comunidade Quilombola de Barrinha, localiza-se no Norte Fluminense e pertence ao município de São Francisco do Itabapoana, a comunidade sobrevive com dificuldades e o encontro proporcionado pelo referido projeto de educação ambiental se deu com as mulheres organizadas, algumas delas vivem da catação de ostras e sururu nas praias de Manguinhos e Guaxindiba, próximas ao Quilombo, outras filetam peixe em frigoríficos que exploram sua mão de obra a custos baixos, sem direitos trabalhistas e más condições de trabalho, desenvolvem também atividades complementares à cadeia produtiva da pesca, como por exemplo, trabalhar de empregada doméstica durante o veraneio, produzir e vender salgadinhos (bolinhos de aipim são um dos tantos produzidos e que remete à cultura da mandioca/aipim/macaxeira).

De acordo com Pereira 2018:

É nesse contexto que se encontra o desafio de uma metodologia de construção de processos educativos que contenham propostas alternativas de sobrevivência e resistência dessas populações, reforçando sua reprodução social, simbólica e sua cultura através da manutenção de elementos do seu processo produtivo, trabalhando os aspectos coletivos e, necessariamente, de complementação de renda, dada a situação de pobreza das comunidades (pag. 263).

Partilhando da concepção de que o trabalho é central na vida das comunidades e através da prática exercida para transformação da

natureza e de sua própria natureza o ser humano vai se constituindo com um ser social. Sendo assim a identidade das mulheres das comunidades se entrecruzam com as nossas próprias identidades como educadoras do povo, estejamos nós na posição de estudante ou professora. Estes são papéis exercidos, contudo somos sujeitas atuantes na vida comunitária e social e através desta prática nos constituímos educadoras fazendo parte do campo da educação popular.

Para Castro, et all, 2018:

Em um mundo pensado por homens e para homens, o gênero feminino estar em uma posição subentendida e subalterna é algo que contribui para a perpetuação da chamada “ordem”, ao legitimar relações hierárquicas de opressão, exclusão e exploração das mulheres.

Neste caso, Castro se referia à linguagem oficial e a inclusão do feminino, como por exemplo na palavras “sujeitas, presidenta, membra, etc..” e da difícil aceitação desta modalidade de escrita e também desta oralidade. No entanto a interpretação da citação se aplicada à vida cotidiana das mulheres de Barrinha, também traz contribuições e reflexões no sentido de que às mulheres sempre foi negada a vida pública, tudo que lhes foi destinado enquanto papel social tratou de lhes envolver de tal forma com a privacidade do mundo doméstico que impossibilitou o contato com as coisas relativas ao mundo público. Por exemplo, o



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cuidado dos filhos, ou dos irmãos, dos pais, das mães, as vezes das pessoas idosas da família de forma geral. Todos estes subterfúgios ocuparam a vida das mulheres, de forma geral, de tal maneira que não sobra ou sobrava tempo à participação social, ao cuidado de si mesma e do que Paulo Freire denominava de “inédito viável”. Sim podemos afirmar que o encontro entre estudantes quilombolas e mulheres da pesca, também quilombolas, de geografias tão distantes foi o que Freire nos anunciava como inédito, mas viável. Por que ao se tratar de povo trabalhador, ou movimento popular, os limites que se encontram, na maioria das vezes, é a falta de verba para esse tipo de deslocamento.

METODOLOGIA

Na perspectiva da educação popular o encontro foi no estilo Roda de Conversa, onde não há uma hierarquia simbolizada no posicionamento das pessoas. Todas podem ver-se, olhar no rosto umas das outras enquanto falam em roda. A solicitação das lideranças de barrinha (RJ) era aprender algo que pudesse servir como renda complementar, contudo este aprendizado precisava ser com seus semelhantes, pois há uma disparidade entre propostas do mercado de trabalho formal e as comunidades. Foi assim que o grupo MENE (RS) se deslocou até a

Comunidade Quilombola de Barrinha (RJ) com a proposta de promover um curso de pintura e costura para mulheres, utilizado no RS como uma forma de resistência da comunidade de mulheres negras, enriquecido do debate e problematização das questões que envolvem a negritude, como já citado anteriormente, ministrado por duas integrantes estudantes quilombolas.

Uma oficinas foi de pintura e a outra de costura, as duas relembrando práticas das antepassadas, como por exemplo a costura à mão. A narrativa inicial da educadora foi que na infância aprendeu a costurar remendando as roupas dos irmãos menores. Na atualidade propõe a confecção de bonecas com pasta de lã como forma de resistência e também renda alternativa.

Um ponto forte do encontro foi a troca de experiências como forma de aprofundar o debate em torno de questões que emergem no trabalho popular especialmente entre o povo negro, como por exemplo as vivências das mulheres negras ao longo da história, a forma como são educadas, suas relações na sociedade, o trato do próprio corpo, cabelos, roupas, trabalhos e funções exercidas até os dias atuais, como parte fundamental de construção identitária. Consideramos, de acordo com nossa fundamentação teórica, que as narrativas são momentos onde as mulheres



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

podem ouvir-se, e segundo autoras trabalhadas, neste momento elas reelaboram, ao falar, ao contar uma estória ou história, elas a repensam realizando uma síntese entre passado e presente, diante das temáticas abordadas, assim como exercem a solidariedade no coletivo e dão um sentido político às suas indignações. Neste caso ainda houve o comprometimento de pesquisa e registro, especialmente por acreditarmos que a narrativa é instrumento facilitador do entendimento da existência humana. No caso do campo popular Freire ressalta também a questão da escuta e da importância de dialogar:

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um “sine qua” da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que tem a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado. Por isso é que, acrescento, quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no

sentido de que, quem escuta diga, fale, responda (FREIRE, 2002:pag. 44).

O intercâmbio de experiências foi um momento que tornou possível um olhar solidário ao lugar que ocupam as mulheres nas comunidades quilombolas, nas universidades e na sociedade em geral. O compartilhamento das suas vivências através de histórias vividas e contadas permitiu uma possibilidade de reflexão sobre sua realidade, pelo menos naquele momento, cada uma a seu tempo, pois permitiu um olhar mais ampliado, como se fosse uma ampliação da consciência. Isto é, “saio de mim mesma e passo a ver que os problemas não são só meus”, há uma identificação. Pereira (2008) nos traz um contribuição neste sentido, através de sua reflexão sobre a constituição do sujeito:

[...] autores como Vygotsky (2001) e Pino (2006), que nos afirmam que a atividade imaginária se estrutura com elementos tomados da realidade, o que faz desta o fundamento daquela. Outra forma que se apresenta é como produto formado da fantasia se relacionando com algum fenômeno complexo da realidade, e outra ainda é de natureza emocional. Isso nos reporta à natureza do imaginário abrindo possibilidades para que o homem sonhe algo que não faz parte objetivamente da realidade, possibilitando a reinvenção da mesma através da imaginação. Diz-nos Pino (2006, p. 59) “[...] isso faz do imaginário, sem ceder a falsos romanticismos, um plano-chave da evolução criadora do homem” (PEREIRA, 2008: Pag. 384).

Embora no artigo acima se esteja ainda arraigado do masculino na sua linguagem, ele sustenta teoricamente a abordagem que



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

queremos aplicar ao nosso relato de troca de experiências, através da oralidade com as mulheres negras e quilombolas, estudantes, pescadoras, donas de casa, professoras e muito mais..

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adesão das mulheres de Barrinha à proposta de trabalho em Roda de Conversa indicou um dos possíveis resultados deste processo educativo que envolve elementos de pesquisa narrativa e educação popular. Segundo reflexão da própria educadora/pesquisadora quilombola: Embora muito entusiasmadas, inicialmente algumas das mulheres se mostraram inseguras com relação a pintura, alegando falta de habilidade com os materiais em função da grande maioria ter dedicado seu tempo principalmente a atividades que exigem o esforço braçal, muitas das vezes sem ter outra alternativa de sustento para a família. Porém aos poucos elas foram interagindo com a proposta das educadoras do grupo MENE e em meio às tintas e pinceis foram surgindo vozes que se misturavam através de relatos de histórias vividas, histórias herdadas, histórias de sonhos, histórias de lutas e tantas outras, muitas delas com histórias em comum.

Ao final do evento as peças foram expostas e doadas para as participantes, na intencionalidade pedagógica de servir como

exemplo de produto que se por um lado tem seu valor por ser artesanal, por outro traz as motivações e estampas que retratam a vida e as características do povo negro, difíceis de se encontrar no mercado, dito pelas próprias mulheres que as vezes procuram para si e para seus filhos camisetas com motivações negras e não as encontram facilmente.

Pode-se afirmar que promover este encontro de duas comunidades tão distantes geograficamente para troca de experiências traz consigo uma esperança de aproximação para o povo trabalhador e principalmente para as mulheres negras. Receber universitárias que apesar de terem acessado a universidade não deixaram para trás suas raízes é também um motivo de orgulho ao povo negro.

Consideramos que a metodologia de trabalho popular aliado às propostas das narrativas pode promover alterações nas formas com que as pessoas entendem a si próprias e aos outros no processo de coexistir. Através da exposição oral de suas vivências torna possível propiciar uma nova leitura de si mesma. A educação popular também traz uma grande contribuição na forma como se propõe produzir conhecimentos de maneira horizontalizada, descartando as antigas palestras e ideias de transferência de conhecimento. Nos moldes de Paulo Freire, o exemplo de educador popular que deixou uma



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

obra imensurável de contribuição aos que
querem desenvolver uma educação *junto com*
o povo e não *para* o povo.

A roda de conversa somada às narrativas se
desenvolveu como um modo de estudar e
registrar as vivências num tempo histórico de
forma refletida, discutida e reelaborada, no
entanto é principalmente um modo de refletir
sobre as experiências de vivências expressas ,
através do ato de contar histórias de forma
oral.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao PEA FOCO por nos
proporcionar o encontro com uma
comunidade ao mesmo tempo tão distante e
tão próxima de nós. E também à comunidade
de Barrinha por nos receber com tanto calor
humano e alegria carinhosa, típica do povo
negro e das mulheres negras em especial.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, AM et all . Educação popular e
estudos feministas: contribuições para a
linguagem inclusiva1Rev. Ed. Popular,
Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 80-88, maio/ago.
2018.

CONENELLY, F. M.; CLANDININ, D.J.
Relatos de experiência e investigación
narrative. In: LARROSA, J. et al. Déjame que
te cuente: ensayos sobre narrativa y

educación. Barcelona: Laertes, 1995. p. 11-
59.

FREIRE, Paulo, Pedagogia do Oprimido; Rio
de Janeiro,2011: EDITORA PAZ E TERRA
S/A

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro
educador : saberes construídos nas lutas por
emancipação / Nilma Lino Gomes.-
Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

PEREIRA, Maria Odete da Rosa. MOLON,
Susana Inês, LOUREIRO, Carlos Frederico B. **O
sentido estético e o trabalho criativo como
elementos estruturantes de uma proposta
de educação ambiental com pescadores
artesaniais.** REMEA - Rev. eletrônica PPGEA –
FURG - ISSN 1517-1256, v. 21, julho a
dezembro de 2008.

PEREIRA, MOR. Transformando alimentos e
produzindo novas relações numa cozinha
pedagógica . Estudos feministas- Mulheres e
educação popular. 2o. Volume. Amanda
Motta Castro; Rita de Cassia Fraga Machado
(organizadoras) - São Paulo: LiberArs, 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero